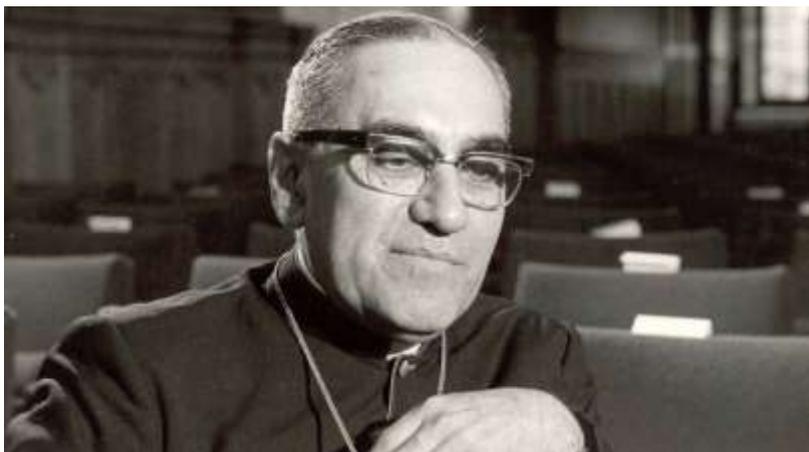


«Ele é santo de uma forma muito especial.

Já está canonizado. Pelo povo.

Não é preciso mais nada». Bispo Pedro Casaldáliga



**São Romero da América
Faz a canonização
de Romero algum sentido!?**

“Terá o Arcebispo Oscar Arnulfo Romero necessidade de mais alguma canonização? Que mais lhe falta? O que é que uma “canonização oficial” em Roma lhe poderá acrescentar?”, pergunta JOSÉ MARÍA VIGIL, teólogo espanhol naturalizado nicaraguense, em artigo publicado por *Academia.edu*, 23-09-2018.

“Nunca canonizem São Romero da América, porque o ofenderiam. Ele é santo, mas de uma forma muito especial. Já está canonizado. Pelo povo. Não precisa de mais nada’. Eis as palavras que dirigiu a Jon Sobrino, aquando da visita à sepultura do arcebispo mártir: ‘Olhe, Jon, que a ninguém ocorra canonizar Romero, porque seria como considerar que a primeira canonização não valeu’...”. (Pedro Casaldáliga, *El vuelo del Quetzal. Espiritualidad en Centroamérica*, Manágua 1988, p. 10; disponível [aqui](#))

Era com estas palavras que Pedro Casaldáliga, em diversos retiros e conversas, se dirigia aos camponeses e agentes de pastoral do Panamá, após a sua passagem pela Nicarágua e por El Salvador, por volta de 1987/8. Cederam-me uma cópia dos filmes, e incluí este seu pensamento no livro *O voo do Quetzal*, organizado com estes e outros materiais pastorais resultantes da sua “campanha de solidariedade pastoral”, em prol de muitas comunidades de base e grupos camponeses da América Central.

Certamente que o túmulo de Romero visitado por Casaldáliga – instalado, de início, no próprio

cruzeiro da catedral de São Salvador, a poucos metros do altar a partir do qual pronunciava aquelas suas homilias de fogo, que paravam o país inteiro, e que eram ouvidas nas montanhas, transmitidas pelos rádios dos camponeses e dos pobres de todo o país –, aquele túmulo grande, certamente, literalmente coberto de flores, velas, oferendas e fotografias de agradecimento, envelopes cheios de pedidos...era tão visitado e apreciado e beijado por essa interminável fila de salvadorenhos das camadas mais pobres e populares..., que foi preciso transladá-lo para a cripta, porque aquele “clamor popular” inutilizava a catedral, impedindo-a de servir como tal, e de manter o culto normal de uma catedral.

Assim sucedia, também, nos primeiros séculos da Igreja. Obviamente, não havia “processos de canonização”. Era a “aclamação e a devoção popular” que, de facto, definia o “cânone”, a medida da santidade reconhecida na Igreja. Não havia um registo oficial – o que viria a ser o “Santoral e o Martirológio Romano” –, e, muito menos, se havia materializado tudo num processo jurídico especializado (e economicamente

caro) na cúria romana. Isto passaria a acontecer somente no século XIII, quando as canonizações ficaram reservadas a Roma e ao Papa.

O estudo estatístico da “população” canonizada no último milénio não deixa de ser significativo: “Entre os séculos X e XIX, Roma canonizou 87% de homens e 13% de mulheres. O que revela um modelo predominantemente masculino, que corresponde, fielmente, à tradicional inferioridade das mulheres na Igreja. Sem que o procedimento tenha de ser modificado para favorecer as mulheres, no século XX a proporção passa para 76% de homens e 24% de mulheres” (cf. *Relat* n.º. 150, servicioskoinonia.org/relat/150.htm). O modelo predominante da pessoa canonizada é: branco, masculino, solteiro, clérigo, religioso/religiosa... e, principalmente, das classes mais elevadas.

Tradicionalmente, a canonização estava praticamente vedada aos cristãos leigos e leigas, devido ao trabalho que dão os necessários processos históricos e de investigação, à lentidão da burocracia das congregações romanas e, acima de tudo, ao elevado custo económico dos processos. Apenas clérigos que contem com o apoio de uma Igreja local, ou religiosos/as cuja congregação esteja interessada em

exaltar a sua santidade, podem ser “candidatos” viáveis e com possibilidades reais de seleção.

Canonização rápida e muito aclamada foi a de José María Escrivá; a Opus Dei, naquele momento colocada no cume do escalão das fileiras das entidades influentes no Vaticano do Papa Wojtila, empenhou-se com afinco na sua promoção, e a sua “canonização” acabou por ser – segundo a *Opus Dei* – a que reuniu o maior número de pessoas na Praça de São Pedro, em Roma...

A explicação não foi difícil de encontrar: apenas o fundador de uma instituição com muitos membros leigos de elevadas classes sociais, poderia pagar tantos voos para Roma procedentes de todos os continentes. Mas deixou de ser a que reuniu mais gente quando, pouco depois, foi canonizado o Padre Pio de Pietrelcina, cujos devotos, embora não sendo tão poderosos financeiramente, eram predominantemente italianos, e puderam deslocar-se facilmente a Roma em massa. O número de pessoas que participam numa canonização não constitui critério para medir o valor da “aclamação popular” de um santo.

O caso de Romero foi, também, uma “aclamação popular”. Romero transformou-se “no centro-americano mais conhecido” em todo o mundo, o “salvadorenho mais universal”. Não foi um santo local, de uma Igreja diocesana

particular, nem de um país, nem mesmo da Igreja Centro-Americana, ou de toda a Igreja da América Latina, mas um santo “universal” – aclamado em todas as partes do mundo – e “ecuménico”, reconhecido, também, pelas Igrejas protestantes – ficou célebre a estátua de Romero entre as estátuas da abadia de Westminster...Foi, também, um santo “macroecuménico”, reconhecido e aclamado por agnósticos e não crentes, ultrapassando os limites da fé e das religiões. Romero foi, pois, santo por “aclamação popular” do Povo de Deus, por “aclamação mundial” entre os muitos “povos de Deus”. De que mais canonizações tem necessidade D. Romero? Que mais lhe falta? O que é que uma “canonização oficial” em Roma lhe poderia acrescentar? São estas as perguntas a que Casaldáliga respondeu para si mesmo, aquando da visita ao túmulo de Romero em São Salvador: “ele é santo de uma forma muito especial. Já está canonizado. Pelo povo. Não precisa de mais nada”. Para muitos de nós, esta resposta, dada há trinta anos atrás, continua a ser válida hoje em dia. Para além disso, a verdade é que, passado todo este tempo, entrámos “em outra época”... Muitas coisas mudaram, e até nós mudámos muito, também. Extrapolando as palavras de Casaldáliga, hoje poderíamos dizer: “Que não o

canonizem, porque fazê-lo seria como se persistíssemos em permanecer naquela época da qual já saímos há muito”.

De facto, a pergunta que se coloca é mais profunda: será que, hoje em dia, o conceito clássico de “santos canonizados” da Igreja católica ainda tem algum sentido? E poderíamos desdobrá-la em várias outras:

- Existem, realmente, os “santos canonizados”, os oficiais, os clássicos, aqueles que estão na “corte celestial” do “Rei e Senhor” do céu e da terra, no “segundo andar”? Todos os nossos avós pensaram que sim, e beneficiaram muito com a sua intercessão... Mas, e nós, hoje em dia?

- É possível entrar nesta corte privilegiada, submetendo-se o candidato a uma avaliação realizada por uma comissão examinadora especializada, a Congregação para as Causas dos Santos? Pode um processo de canonização “tornar santo” alguém, ou não passa de um elemento externo que não pode afetar a sua santidade?

- Pode-se aceitar como algo natural, sem corar de vergonha, que, em pleno século XXI, esta avaliação inclua como requisito a realização – “cientificamente comprovada” – de dois “milagres”? Vamos tentar responder, quase telegraficamente, a estes desdobramentos da pergunta inicial:

• A canonização de santos na Igreja católica é uma criação medieval, oficialmente criada em 1234 pelos Decretais de Gregório IX, embora somente a partir do Papa Urbano VIII, em 1634, fosse reconhecida, praticamente, em toda a Igreja. Não faz parte do seu patrimônio bíblico, dogmático ou teológico. Talvez tenha sido este seu caráter de “segundo plano” na hierarquia do essencial na Igreja, que lhe permitiu subsistir e passar despercebida, aquando dos momentos avaliativos altos da Igreja, como os últimos Concílios Ecuménicos. Sempre houve coisas mais importantes na Igreja, que reivindicaram uma atenção prioritária. Assim, as canonizações – o seu significado e os seus processos concretos, na forma como chegaram até nós –, são, hoje, um “anacronismo” que sobreviveu pela negligência com que foram e continuam a ser tratadas, e fazem parte duma lista de atavismos que “bradam ao céu” clamando por serem revistos e atualizados radicalmente.

• Como o benemérito teólogo jesuíta flamengo Roger Lenaers (cf. Wikipedia) nos mostrou de forma tão pedagógica (em *Outro cristianismo é possível – A fé em linguagem moderna*. São Paulo: Paulus, 2010), não existe um segundo andar cósmico no qual se possa instalar aquela célebre e admirada “corte celestial”, que tantos e tão afamados artistas nos

representaram em inesquecíveis obras de arte, em quadros, gravuras, retábulos, cúpulas... que marcaram (inclusive inconscientemente) a nossa espiritualidade, e povoaram de rostos beatíficos, anjinhos, nuvens... o nosso imaginário religioso coletivo.

A grande maioria das correntes científicas e filosóficas atuais não reconhecem nada que seja “externo” à Realidade. Não existe esse segundo andar lá em cima (up there) e lá fora (out there) onde se possa instalar a sede dessa corte, que não é corte, nem é celestial. Podemos conservar a intuição contida nessa crença tradicional, como a ama que lava a criança na banheira e deita fora a água suja que já não serve para mais nada, mas retirando antes a criança. Podemos salvar a criança, a intuição profunda aí veiculada, mas a partir de outras bases (outros paradigmas) e expressando-a com outras metáforas (não as já obsoletas), e sempre conscientes de que não passam disso, de metáforas, e nunca de descrições realistas.

• Obviamente, uma canonização não transforma ninguém em santo. A pessoa que é santa na hora da sua morte, é santa, e não deixará de o ser, mesmo que ninguém o saiba, ou que ninguém se encarregue de apresentar a sua candidatura à Congregação para as Causas dos Santos. E a pessoa que

não é santa, nunca o será, mesmo que essa Congregação a faça “santa”, isto é, que simplesmente a “declare” santa. A canonização nada mais é do que uma “declaração”, não uma “santificação”; quando morremos, quando termina o nosso *status viatoris*, já não é possível mudar, nem crescer em santidade – sem entrarmos agora na necessária releitura da escatologia clássica. Se o sangue martirial culminou a santificação pessoal de Romero, ele foi santo, embora ninguém jamais o tivesse pensado ou proclamado após a sua morte. E o facto de ser agora proclamado santo, não acrescenta um milímetro à santidade que ele alcançou em vida, até à sua morte; apenas dará aos seus admiradores mais razões e mais possibilidades de o conhecer, admirar e imitar. Na realidade, o que está em jogo numa canonização é algo totalmente exterior à santidade do próprio candidato.

- A questão dos “milagres” merece uma ênfase especial. É inexplicável que, em pleno século XXI, ainda persista, entre as congregações vaticanas, uma responsável pela “comprovação” científica da veracidade dos “milagres requeridos” para uma canonização institucional... É outro anacronismo medieval, uma estranha sobrevivência, no meio de uma Igreja que, no Vaticano II, parecia ter-se reconciliado com a

sociedade culta, profundamente marcada pela ciência. Será que sobrevive por causa dos interesses económicos que envolvem a cúria romana? Ou talvez, também, por causa do imobilismo e da habitual preguiça das instituições religiosas face à sua própria renovação? Ou por não se darem conta de que o “credenciamento de um milagre”, feito pela Igreja, credencia também a cosmovisão medieval ainda em vigor nos seus quartéis centrais? Até quando persistirão em recorrer a rodas de moinho para comunicar com os crentes que já têm a cabeça configurada em sintonia com a sociedade moderna?

- Uma boa notícia, urgente para muitas pessoas que se sentem mal com estes processos e declarações eclesiais de canonização, é que, embora durante séculos fossem consideradas, extraoficialmente, matéria “dogmática, de fé” (como se a canonização fosse uma espécie de proclamação do dogma de que “determinada pessoa está no céu” - recordo perfeitamente que, à nossa geração, foi assim que nos foi apresentada a questão na catequese -), hoje sabemos que podemos prescindir de todos esses elementos mítico-medievais, aos quais fomos aderindo, subrepticamente, ao longo das obscuras idades que nos precederam. É verdade que não devemos perder muito tempo com isto: compreendemos bem que, quer na Igreja como na sociedade,

sempre haveremos de encontrar pessoas que estão claramente na Idade Média, e que se sentem bem nesse ambiente religioso “tradicional”. Hoje aceitamos bem a interculturalidade, o pluralismo cultural e religioso. E reivindicamos a mesma liberdade para nós. Ao lado daqueles que estão mentalmente no século XIII, já existem pessoas que pensam como se pensará no século XXII. Todos têm o direito de viver coerentemente com a sua consciência e de serem respeitados. Diremos, finalmente, que nos sentimos em comunhão, em sincera estima com Romero, sem precisar dessa albarda acrescentada ao seu título oficial de “santo canonizado”, que nos evoca tantos elementos ultrapassados ou mesmo obsoletos para nós. Não devemos, contudo, ficar incomodados por haver outras mentalidades que recorrem a esses adjutórios, e que, assim, expressam, igualmente, o seu carinho e a sua comunhão com Romero, por meio desse mundo de categorias e suposições que nós, há muito tempo, abandonámos. Respeitamos esta pluralidade característica do nosso tempo e da nossa Igreja de hoje, e somos muito capazes de a aceitar, sem que um simples título de atribuição de santidade canónica, nos faça retroceder, qual cavalo de Tróia,

José María Vigil

In São Romero da América? Perguntaram-me: a canonização de Romero faz sentido para nós?

para uma mentalidade que já abandonámos há muito. Sentimo-nos tão convictos nesta nossa maneira de ver, quanto tolerantes com os velhos pontos de vista; tão fiéis à essência da boa tradição, quanto libertos de adesões medievais, platónicas, mitológicas, agrárias... e mesmo, até, neolíticas. Deste ponto de vista, fica bem patente que ninguém precisa que Romero seja canonizado. “Ele é santo de uma forma muito especial. Já está canonizado. Pelo povo. Não precisa de mais nada”, segundo as palavras de Pedro Casaldáliga. (E, claro, uma vez acabada a Idade Média, é óbvio que todos os milagres “requeridos” estão a mais...). Compreendemos, porém, que boa parte da Igreja e da sociedade se sinta apoiada, e até mesmo comovida, com esta “declaração oficial de reconhecimento da sua santidade e do seu martírio”. Participamos na sua alegria. “Nesta altura da situação, com tanta água que já correu debaixo das pontes desde 24 de março de 1980, já não nos parece constituir uma “ofensa”, mas, sobretudo, uma “reabilitação” adicional, redundante, mas útil, sobretudo para as hierarquias religiosa e civil que durante décadas se opuseram ao reconhecimento de “São Romero da América”. É uma boa notícia”.



Estátua de São Romero da América no pântico dos mártires na Abadia de Westminster

Oscar Romero, homem de Deus, da Igreja e dos pobres

«Neste cálice o vinho torna-se sangue que foi o preço da salvação. Possa este sacrifício de Cristo dar-nos a coragem de oferecer o nosso corpo e o nosso sangue pela justiça e a paz do nosso povo»

Naquela noite sente - escreve-o várias vezes - uma inspiração divina a ser forte, a assumir uma atitude de fortaleza, enquanto no país, marcado pela injustiça social, aumentava a violência: violência da oligarquia contra os camponeses, violência dos militares contra a Igreja que defendia os pobres, violência da guerrilha revolucionária

Depois de dois anos de arcebispado em San Salvador, Romero conta 30 padres perdidos, entre mortos, expulsos ou chamados para fugir à morte. Os esquadrões da morte matam dezenas e dezenas de catequistas das comunidades de base e muitos fiéis dessas comunidades desaparecem

Romero compreende cada vez mais claramente que para ser o pastor de todos devia começar pelos pobres. Colocar os pobres no centro das preocupações pastorais da Igreja, e, portanto, também de todos os cristãos, inclusive os ricos, era a via nova da pastoral

Romero tinha construído um amplíssimo ficheiro de citações (cerca de cinco mil) para pregar, extraídas sobretudo do magistério. Vinte dias antes de morrer, a 2 de março de 1980, numa homilia dominical, afirma: «Irmãos, a maior glória de um pastor é viver em comunhão com o papa»